

O que (não) pode um  
corpo-fulgor performático em  
(in)significâncias poéticas?

—— LUCIANO SANTOS XAVIER ——

intransitiva  
• revista

TRANSFORMAÇÕES DO EU E DO OUTRO (V. 6, N. 1, 2022)

# O que (não) pode um corpo-fulgor performático em (in)significâncias poéticas?

Luciano Santos Xavier

---

À minha querida terra e seus incompreendidos, impenetráveis e desconhecidos moradores.

Em nenhum local, às horas nenhuma, de dia nenhum.

Luz. Esse talvez seja um significante que inspira minha alma. Não à toa que ele entoava um cântico em meu nome... Luciano... “da natureza do luminoso”... Luciano... “nascido da luz”... luz... luz de uma vida para outras vidas... uma luz alumada pela letra, refletida pelos ecos de um corpo que, pelo medo do escuro, performa na claridade.

Não sei até que ponto a leitura e a escrita podem salvar uma alma. Tento, há muito, rascunhar algumas das peripécias dessas duas malandrinhas insuspeitas, não sabendo como ou se o é possível ser feito. Não sei até onde se ficcionaliza ou se realiza, o fato é que essa díade salvou uma alma (in)significante, cujo corpo em constante performance nunca se pôs em encaixe. Deleuze dizia que “escrever é um caso de devir”<sup>1</sup>. Poderia dizer o mesmo da leitura, pois, como leitor, descobro-me hoje como uma espécie de *legente*<sup>2</sup>, no termo llansoliano, observando um mundo lido além de suas teias de sentido, como devir, quem sabe, ininteligível.

Nessa carpintaria llansoliana da letra ainda sou um aprendiz... de legente, de escrevente, ainda tentando esculpir nas e pelas palavras, o que um dia me foi esculpido no corpo. Um corpo composto por uma letra-vida que se revela em fulgores que, às vezes, nem a mim são revelados, mas expostos em flashes, desde os tempos mais remotos dos meus rabiscos.

Vislumbro-me, como um andarilho legente que se fulgoriza no texto, pois o próprio texto se transmuta em fulgor. É, o texto, a morada do fulgor. É, o texto, o próprio fulgor em revelação. É, o texto, um tecido,

<sup>1</sup> Gilles Deleuze em *Crítica e clínica* (2011, p. 11).

<sup>2</sup> Maria Gabriela Llansol em *Carta ao Legente* (1998) e *Ardente Texto Joshua* (1998).

cuja textura tece a vida. Um tecido de vida, para a vida, em que os fios se entrelaçam numa *cena-fulgor*<sup>3</sup>.

Talvez, aqui, algumas coisas não façam sentido a um leitor comum, busco um legente llansoliano, que encontra na letra um ato poético, de vida, aberto ao sensível. É preciso entender este texto como ardente<sup>4</sup>, como um sem forma fogo-fulgor. O limiar é o que importa, tecido em como a leitura e a escrita salvou uma alma inquieta, um corpo incômodo e desencaixado no sexo, metamorfoseado num “sexo de ler”<sup>5</sup>, diria também, num sexo de escrever.

D O  
I M  
F I  
D O  
O I  
D  
O Ú  
P R E L

Há momentos em que não existe uma fenda. É como se um muro isolasse um corpo em constante conflito e declínio. Como uma avalanche montanha abaixo, num revolver de camadas geladas de não olhares e indiferenças. Há um solavanco de negligências e despachos, cujas rasuras constroem-se numa inquieta alma, atenta à desatenção alheia.

“Bem-vindo”, “Welcome”, “Bienvenido”, “كَب الـهـأ (ahlan bik)” ... é o que se espera, mas que não é uma recepção para tod\_s. Isso não cabe a uma corporeidade em performance, em desequilíbrio às normas de um núcleo imperante de macheza e prepotência normativa.

É entendível a performatividade de uma vida, cuja inteireza não lhe obedece. Uma vida sublinhada em performances, em andares, jeitos, trajés e disfarces. A vida é toda ela performática, mal sabendo sobre si, pois é difícil olhar para dentro. Existe uma praticidade em olhar para fora, ver o outro, descortiná-lo e ao mesmo tempo enclausurá-lo em sua própria (in)significância.

<sup>3</sup> Maria Gabriela Llansol em *Um Falcão no Punho* (2011).

<sup>4</sup> Roland Barthes em Roland Barthes por Roland Barthes (1975, p. 127).

<sup>5</sup> Maria Gabriela Llansol em *Inquérito às quatro confidências* (2011).

Essa performatividade tem muito a ver com a escrita e com a leitura, ou estas com aquela... é difícil dizer o que vem antes, quando não se sabe nem quando se vem. Arrisco-me a tratar não da escrita de uma vida, mas a escrita como vida. Não da leitura de uma vida, mas a leitura como vida, como “forma-fulgor” de libertação, de liberdade de um corpo que, em performatividade, se (des)encontra de seus “eus” ou é desconstruído deles.

A comichão da existência desse outro se mostra tão real, num plano em que os egos se inflamam (e como inflamam) a reclamar um silêncio que já se encontra nos beirais do poço. E que poço! Tão fundo e assustador que o simples fato da sua aparência irrompe um turbilhão de medos e fantasmas até então desconhecidos, ou preferivelmente esquecidos numa memória ainda fresca de desavenças interiores.

Desejar o outro é um cárcere, pelo menos àqueles nunca desejados. Ora requerido parcialmente, em nuances sorradeiras e escondidas, cuja sigiliosidade da não denúncia de traição à masculinidade dita forte e dominante se impõe em predominância.

A falta de clareza afeiçoa-se em incertezas de olhos vazios. Vislumbres de ausência ao toque, afago, das reminiscências de um fulgor que cada vez mais se esvai. Um não-lugar é o lugar que se mostra como possível. Também como aquele que nunca é encontrado e que simultaneamente é ocupado. Uma terceira margem sempre latente a contemplar a si e ao outro. A almejar uma alteridade que nem mesmo se permite ser vista.

É nessa terceira margem que me constituo como legente, uma margem de letras, criada por e para as letras. Não seríamos todos nós letras discorrendo uma trama narrativa da vida? Fica no ar esse enigma. Mas é nesse entrelugar onde o ler e o escrever se põem como prática de (des) caminho ao mundo, de um *alter ego* nunca antes descortinado, posto como herói, não do *alter*, mas do *ego*.

As letras têm desses mistérios<sup>6</sup> que não sabemos de onde elas realmente vêm (não sei de que real estou falando, há um?), não sabemos do que elas são feitas, mas do que podem fazer, e salvar pode ser um desses fazeres. No espírito da letra<sup>7</sup>, busco o fulgor do meu próprio espírito, num compasso em que realidade e ficção se atenuam, quando suas fronteiras se borram no e pelo mistério da letra.

<sup>6</sup> Lúcia Castello Branco em “Por amor às letras”, In: *Revista Aletria*. v. 18, 2008, p. 139-142.

<sup>7</sup> Roland Barthes em “O espírito da letra”. In: BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso* (1990).

A letra salva. E não conseguiria, aqui, mesmo que quisesse, apontar em totalidade o como. Fundamentalmente, ela inscreve no corpo marcas onde a dor se fulgoriza em liberdade. A lembrança singela, e não menos potente, de Llansol mobiliza-me: “a escrita e o medo são incompatíveis”<sup>8</sup>. E não poderia ser o contrário...

*Era uma vez uma ovelhinha que não se encaixava no rebanho. Enquanto as amiguinhas comiam capim, a ovelhinha forasteira comia cebolas, e era satirizada por isso. A ovelhinha teve tanto medo do riso que se enclausurou em si. Por não caber mais no rebanho, trilhou caminhos outros nunca vistos, tropeçando em letras, que agora passaram a ser seu alimento. A ovelhinha escreveu o medo e se inscreveu nele, para depois dominá-lo na legênciã do mundo.*

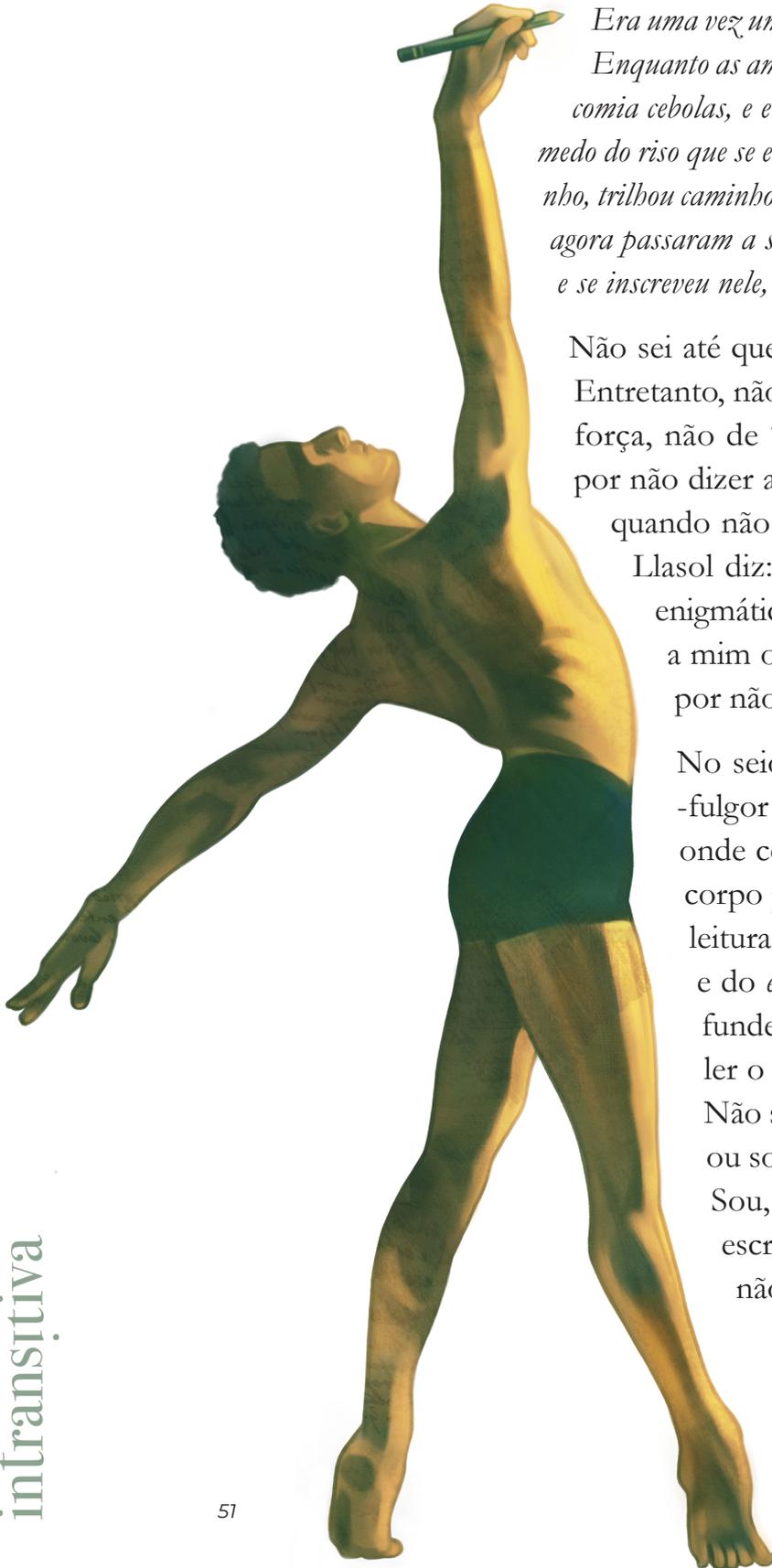
Não sei até que ponto a metáfora é cabida neste jogo. Entretanto, não posso deixar de concebê-la como uma força, não de “isso para dizer aquilo”, mas de “isso por não dizer aquilo”, a metáfora como consequência, quando não se pode denunciar a performatividade.

Llansol diz: “todos são iguais perante a existência enigmática”<sup>9</sup>, tão sábias e assertivas palavras, pois a mim o enigma se mostra em tal potência que, por não o encontrar, não encontro a igualdade.

No seio llansoliano, entendo que meu corpo-fulgor está amalgamado às letras. Não se sabe onde começo eu e onde principia elas. Eis um corpo poético, imerso no mistério da letra, em leituras, legênciãs e escritas do *alter ego*, do *alter* e do *ego*. De um ego cujo sexo negligenciado funde-se ao “sexo de ler”, ler a si, ler ninguém, ler o mundo no mundo, talvez, nos mundos. Não sei até que ponto esse texto é sobre mim ou sobre a letra, não mais sei diferenciar-nos. Sou, então, um legente e ao mesmo tempo escrevente da letra ou de mim mesmo, já que não sei diferenciar-nos.

<sup>8</sup> Maria Gabriela Llansol em *Um Falcão no Punho* (2011, p. 14).

<sup>9</sup> Maria Gabriela Llansol em “Para que o romance não morra”, in: *Lisboaleipzig 1: encontro inesperado do diverso* (1994, p. 119).



Talvez essa amálgama esteja no plano da *textualidade*<sup>10</sup> llansoliana, pois é nela que se revela um portal para “o dom poético” da vida, onde a imaginação criadora encaminha um corpo de afetos, pois, como lembra Llansol, a textualidade “abre caminho para a imigração das imagens, dos afetos, e das zonas vibrantes da linguagem”<sup>11</sup>. Na textualidade, fundo-me às letras, entendendo que há um mundo de mundos.

Assim, apenas sinto e forjo-me no fulgor das letras, sendo elas eu e sendo eu elas. Nunca descobri os seus mistérios, também não sei se o quero. Talvez, o mistério das letras deva se manter indecifrável, para então permanecer vivo e pulsante. Penso que ele próprio não se permite desvendar, e isso pode ser bom, ter a sua elegância.

No fim, volta-se ao começo (e se tece esse jogo em constância e retroalimentação). Volto, então, à minha querida terra e seus incompreendidos, impenetráveis e desconhecidos moradores: qual a clareza negada a uma corporeidade em performance? O que (não) pode um corpo performático? Na terceira margem há um grito de salvação. Um grito de letra, pela letra e para a letra. A despeito, no (ir)real mundo, descobre-se que nada é permitido. Nada vocifera o som que cada vez mais se cala, mesmo a um corpo que fala, e fala tanto, mas que, não obstante, nada mais diz... nada mais quer dizer.

<sup>10</sup> Maria Gabriela Llansol em “Para que o romance não morra”, in: *Lisboaleipzig 1: encontro inesperado do diverso* (1994, p. 120).

<sup>11</sup> idem, p. 123.

## Sobre o autor

Mestrando em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), graduado em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Integrante do Grupo de Pesquisa Linguagem, Estudos Culturais e Formação do Leitor (LEFOR). Artista popular, poeta, ator, escritor e arte-educador. Integrante do grupo de teatro Artefato e de contação de histórias Cirandeiros do Sertão. Possui experiência na área de Letras/Literatura, atuando em temas como Literaturas Populares, Literatura Oral, Poéticas Orais, Estudos Culturais, Culturas Populares, Representação das Identidades Culturais, Sertão, Arte-Educação, Diálogos Artísticos na Docência, Ensino de Literatura, Leitura e Formação Leitora.